



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O voo de Chatô

Depois do almoço, o então presidente Juscelino Kubitschek, o jornalista Assis Chateaubriand e o então governador da Bahia, Juracy Magalhães, combinaram um passeio rumo ao espaço para ver Brasília do alto. Juscelino queria que Chatô, o cangaceiro polêmico que modernizou a comunicação no Brasil, visse o lago em toda a sua extensão e tivesse uma perspectiva boa da nova

capital erguida em ritmo épico. Mas o major Lúcio, distinto oficial das Forças Armadas, declarou que o helicóptero não aguentaria o peso.

Em face do ultimato, o esguio JK manteve-se imperturbável e pediu que Chatô e Juracy fossem e subissem um pouco mais para saudar, no espaço aéreo, o presidente norte-americano, Eisenhower, em visita a Brasília. “E foi isso que aconteceu. Sobrevoando o aeroporto, e os dois saudando o chefe de Estado americano no ar, dentro do nosso frágil aparelho”.

Quem registra é o próprio Assis Chateaubriand em texto publicado em *O*

Jornal, em 24 de fevereiro de 1960. Chatô não conta, mas deve ter visto a cidade do alto, com a silhueta branca dos prédios de Niemeyer misturada ao vermelho da terra do planalto, numa imagem tremida, fora de foco: “Tive um dia rico em aventuras. Acredito que há muito não me acontecia tanta coisa tão diferente em tão curto lapso de tempo”, relata Chatô no artigo escrito em tom de crônica.

“Não desejava voltar a Londres: a) sem ver os dois prédios, que construímos vertiginosamente, para a Televisão Brasília e para o **Correio** Brasileiro, que irão aparecer um e outro a 21 de abril próximo; b) sem mostrar ao

presidente Kubitschek os desenhos dos dois presentes que ele vai fazer a S.M. a Rainha da Inglaterra, por motivo do nascimento do novo príncipe da casa de Windsor”.

Convidado por um amigo, Chatô veio a Brasília no avião que transportava dona Sara Kubitschek, então primeira-dama do país. Não visitava a cidade havia cinco meses e se espantou com o que viu. “A sensação que tive foi a mesma de Malraux: deslumbrante. Não há nada no mundo parecido. Só os braços de um ciclope poderiam cortar esse pedaço de granito incomparável que é Brasília. A todo o instante aqui, recebemos

o coro febril das sensações, cada qual mais alucinante”.

Chatô chama Kubitschek de faraó. “O faraó Kubitschek improvisou em três anos, no meio do deserto, uma cidade que gerações e gerações pediriam três séculos para empreendê-la. E, como um patricio Florentino, se cercou de dois artistas para perpetuar a façanha imortal”.

P.S.: Chateaubriand será tema de um espetáculo musical e de uma exposição do Cedoc do Correio na próxima quarta-feira, respectivamente, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães e no Teatro dos Bancários.

MÚSICA / A lenda da música brasileira lotou o Mané Garrincha para Brasília cantar uma última vez os seus sucessos geracionais

Aquele último abraço de Gilberto Gil

» ISABELA BERROGAIN
» MARIANA REGINATO*
» PEDRO IBARRA

Um dos maiores nomes da história da música brasileira se despediu oficialmente de Brasília na noite de ontem. Gilberto Gil encheu o Mané Garrincha de fãs e emoção para que as vozes do cantor e dos brasilienses se unissem em uma só pela última vez. Com aproximadamente duas horas de show, o artista seminal para cultura brasileira entou os principais sucessos da própria caminhada e deu um adeus à altura do amor que a capital sente por ele.

Gil abriu o show colocando os brasilienses para cantar o delicioso “pápápá pára” da faixa *Palco e*, a cada música que ele e a banda tocavam, mais os brasileiros entravam na última

dança do baiano. Com os ingressos praticamente esgotados, o artista embalou a noite de uma multidão.

O cantor tem uma relação especial, quase única, com cada fã. Todos têm a própria história e um amor especial por alguma faixa em específico da carreira do músico que começou no fim da década de 1950 e se reinventou conforme o passar do tempo.

“Na minha visão pessoal, assistir ao Gil resgata uma potência que, talvez, a gente tenha perdido. Traz de volta história, cultura, som e música. Isso é muito do Gil”, reflete o funcionário público Arthur Oliveira, 32, que também destaca como o público se aproxima do artista. “Ele vem com a negritude, vemos muitas pessoas pretas por aqui. Gilberto Gil representa toda a cultura brasileira”, completa.

Guilherme Felix/CB



Brasilienses lotaram o Mané Garrincha para se despedir de um dos maiores ícones da cultura brasileira dos últimos 50 anos

“O Gil vem no arquétipo do pai para todos nós”, exalta Keynes Fortes, 46, funcionário público. O fã lembra que ele trouxe filhos e netos para o show de Brasília e transmite o sentimento de estar no evento: “Me sinto um pouco parte da família dele. O funcionário público trata o

músico baiano como uma entidade. “O Gil é axé, ele é luminoso. Um artista que sempre esteve conectado à realidade brasileira e ao Brasil profundo. Por isso tudo, ele é um pai”, destaca Keynes que chegou cedo e percebeu um clima especial. “Consgo ver várias gerações aqui. Tem de

peessoas com o cabelo um pouco mais branco que o meu (risos) até crianças acompanhadas da família”, avalia.

Brasília foi lar de outra faceta de Gilberto Gil. O artista frequentou a cidade também como ministro da Cultura. Dessa forma, o cantor dá esse derradeiro abraço

no local que o acolheu na arte em todos os sentidos. A capital terá boas lembranças dessa lenda que, seja nos palcos, seja na Esplanada, conquistou o carinho de cada um que o acompanhou.

Estagiária sob a supervisão de Carmen Souza

VESTIBULAR 60+

É tempo de se reinventar

» LETÍCIA MOUHAMAD
» ALINE GOUVEIA

No intervalo das aulas de terça-feira, o estudante de geografia Edvaldo Oliveira aproveita para acompanhar as notícias do dia e bater um papo com os colegas, no centro acadêmico do curso. A rotina é dividida entre a universidade e o trabalho como servidor público federal. Como está no primeiro semestre, o momento ainda é de adaptação. Isso porque, além de conciliar horários, ele está se habituando às plataformas digitais e conhecendo o campus. Aos 62 anos, Edvaldo é ingressante do Vestibular 60+ da Universidade de Brasília (UnB). Assim como ele, mais de 250 estudantes aprovados no processo seletivo mostram que idade é fichinha perto do desejo de aprender e se reinventar.

“Na UnB, o pessoal é muito receptivo, então, sempre me senti acolhido. Fiz colegas que me auxiliaram, por exemplo, no momento de efetivar a matrícula na plataforma digital, porque tive

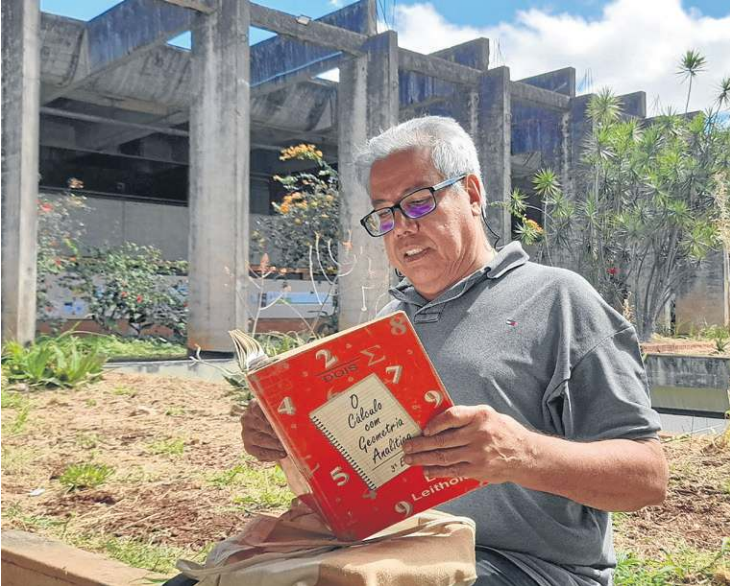
dificuldade. Também me orientaram a conhecer as dependências do campus e, agora, me incentivam a participar de projetos de extensão”, conta o estudante.

A opção pelo curso de geografia partiu da afinidade com as ciências humanas. “No momento, a disciplina de geologia geral tem sido a minha preferida”, cita. De segunda a sexta-feira, é o filho — também formado pela UnB — que o leva para as aulas. “Meus filhos são meus maiores incentivadores. Dizem que sentem muito orgulho de mim”, relata, emocionado.

Natural do Maranhão, Edvaldo tentou ingressar no curso de economia há 30 anos, mas não conseguiu concluir a graduação. “Precisei equilibrar os estudos com o trabalho e o cuidado com os filhos. Era puxado. Sempre procurei ser perfeccionista com tudo que me propus a fazer, então, como não estava conseguindo dar o meu melhor no curso, desisti”, recorda.

Dessa vez, a oportunidade de voltar a estudar, segundo ele, não poderia vir em hora melhor.

Leticia Mouhamad/CB/DA Press



Victor voltou à UnB quase 50 anos depois da primeira graduação

“Já não há aquele desespero para formar e garantir um emprego. Claro que tentarei não fugir do fluxo, mas pretendo me formar com calma”, diz.

Ingressar em um curso superior é, para muitas pessoas idosas, a realização de um sonho antigo e representa novas oportunidades de trabalho e renda. E é

no meio desse caminho que está a brasiliense Norma Aparecida de Almeida Sérgio, 62. Ela começou, em março, o curso de letras com habilitação em português como segunda língua (PDSL) e relata que continua se adaptando à nova experiência. “Fiquei sem estudar por 45 anos, porque primeiro fui trabalhar e ter filho. É uma

dificuldade grande sustentar uma família. Fiz o vestibular em dezembro, mas nem acreditava que passaria. Fiquei muito emocionada”, conta a brasiliense.

Norma reconhece que a caminhada como universitária será longa e cheia de desafios, mas está determinada a continuar. “Não será fácil. Porém, não está sendo impossível. Meta, foco, perseverança e fé”, cita.

O bom filho à casa torna

Com livros de cálculo na mochila e a caminho do restaurante universitário, Victor Fidelis da Silva, 69, parecia seguir a mesma rotina de quase 50 anos atrás. O estudante de matemática, que se formou em engenharia elétrica em 1979, voltou à UnB há três semestres motivado pela filha, aluna de administração na mesma universidade. “Ela (a filha) estava com dificuldades nas disciplinas de cálculo e fui ensiná-la, porque tive uma boa base na primeira graduação. Ensinar me motivou a aprender ainda mais. Então, decidi me inscrever no vestibular”, conta.

Entre os 45 candidatos que disputavam as cinco vagas para o

curso, Victor conquistou o quarto lugar. E, no decorrer dos últimos semestres, as comparações com a UnB dos anos 1970 foram inevitáveis. “Na primeira graduação, 90% dos meus colegas de turma moravam no Plano Piloto, tinham carro e almoçavam em casa. Agora, percebo que o cenário mudou. Há estudantes de todos os cantos do DF e até de fora. Houve uma maior democratização do ensino e isso é fantástico”, avalia.

A troca de experiências com os colegas mais jovens é, para o estudante, “valiosa”. “Acho gozado que hoje ninguém liga para como venho vestido à universidade, por exemplo. Na minha primeira graduação, o padrão era andar com calça esporte fino. Agora, só não venho de chinelo para não sujar os pés.”

Mesmo sendo estudante de matemática, Victor não perde a oportunidade de fazer disciplinas de outros cursos. Neste semestre, está matriculado em psicologia da personalidade. “Acho incrível a possibilidade que temos de cursar as disciplinas que queremos, independentemente de qual seja nossa graduação. Isso propicia uma riqueza de conhecimento espetacular”, exulta.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 07/06/2025

» Campo da Esperança

Adismar Freire do Nascimento, 82 anos
Ana Aparecida Marchiori Abra, 96 anos
Angela Clara Schmidt Campos, 83 anos
Antônia da Costa Pereira, 93 anos
Bernardo Sayão Carvalho Araújo Neto, 51 anos
Carlos Donisete Aguiar, 69 anos
Cordélia Cardoso de Jesus, 83 anos
Francisco Alberto de Carvalho, 78 anos
Geraldo Magela da Silva, 90 anos
Guilherme Rocha Nogueira, 80 anos
Hilda Paixão da Silva, 81 anos
Ivan Pessoa Moreira, 82 anos

Joaquim Silva Ferreira, 74 anos
Latife Sarkis Simão, 81 anos
Luciano de Araújo, 41 anos
Luiz Carlos da Costa e Silva, 78 anos
Marcelo Teixeira, 73 anos
Maria Augusta Fernandes Duarte, 68 anos
Maria José Batista Steffen, 81 anos
Marly Maia Ribeiro, 87 anos
Nilza Mendes de Melo, 74 anos
Pedro da Silva Ribeiro, Idade não informada
Raimundo da Silva, 95 anos
Raphael Oliveira Ferreira, 36 anos
Roberto Neles Batista, 56 anos
Sebastião Porto de Souza, 89 anos

» Taguatinga

Alain Delon de Araújo Ferreira, 58 anos
Alcindo Pericles Oliveira da Silva, 57 anos
Ana Lúcia da Silva Brito, 55 anos
Elpídio Alves de Oliveira, 72 anos
Gabriel Pereira da Silva, 72 anos
Joana da Silva Carneiro, 85 anos
Jonathan Pereira da Silva, 35 anos
José Hermenegildo da Silva, 81 anos
Leoncio Alves Pereira, 68 anos
Maria Alves Rabelo, 59 anos
Maria Alzenir Ferreira de Sousa, 61 anos
Maria José Ferreira Santos, 71 anos
Maria Teixeira de Paiva, 76 anos
Nair Campos Costa, 79 anos

Plínio Felipe Santiago, 66 anos
Salvador Demétrio de Barros, 66 anos
Terezinha Leite de Sousa, 70 anos
Wallison Alves Ferreira, 18 anos

» Gama

Eliomar Cirlene Clementino, 56 anos
José Domingos Martins, 74 anos

» Sobradinho

Domingos Pereira da Silva, 67 anos
Pedro da Silva Ribeiro, datas inconsistentes de nascimento e óbito